



ÊNFASE NARRATIVA E A COLOCAÇÃO DOS EVENTOS HISTÓRICOS NOS *ANAIS* DE TÁCITO¹

NARRATIVE EMPHASIS AND THE ARRANGEMENT OF
HISTORICAL EVENTS IN TACITUS' *ANNALS*

William J. Dominik²

Universidade de Otago/Universidade Federal da Bahia³

Resumo: Embora no início dos *Anais* Tácito reivindique para si, como um programa, o princípio da objetividade e da neutralidade, em toda sua obra ele utiliza várias estratégias narrativas que prejudicam essa suposta noção de neutralidade. Uma dessas estratégias narrativas envolve a ênfase de uma das suas explicações de um evento na narrativa dos *Anais* entre as outras explicações propostas. Um aspecto dessa estratégia para enfatizar uma determinada narrativa diz respeito à forma como Tácito organiza eventos a fim de chamar a atenção para as associações particulares entre certos personagens e os seus papéis dramáticos na narrativa enfatizada.

Palavras-Chave: Tácito; *Anais*; Ênfase narrativa; Colocação dos eventos históricos.

¹ Uma versão do presente artigo foi apresentada no XIII Colóquio de Centro de Pensamento Antigo e IV Semana de Estudos Clássicos do Centro de Estudos Clássicos em “Tempo, crise e oportunidade no mundo antigo”, em 4 de novembro de 2015, no Instituto de Letras da Universidade Estadual de Campinas, Brasil. Eu gostaria de agradecer à Prof^a. Dr^a. Isabella Tardin Cardoso e aos outros organizadores por me terem convidado para esse Colóquio e também aos participantes pelos comentários na minha apresentação. Uma outra versão desse artigo foi apresentada na Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado Acadêmico), em 12 de setembro de 2016, na Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Eu gostaria também de agradecer à Prof^a. Dr^a. Luciene Lages por ter me convidado para apresentar essa aula inaugural e aos alunos e à faculdade do Programa pelos seus comentários.

² williamjdominik@otago.ac.nz; williamjdominik@hotmail.com

³ William J. Dominik é Professor Emérito na Universidade de Otago, Nova Zelândia e Professor Visitante Estrangeiro da CAPES na Universidade Federal da Bahia, Brasil.

Abstract: *Although at the beginning of the Annals Tacitus claims for himself the principle of objectivity and neutrality, he employs various narrative strategies throughout his work that undermine this idea of alleged neutrality. One of these narrative strategies involves Tacitus' emphasis of one of his explanations of an event in the narrative of the Annals over other proposed explanations. An aspect of this strategy relevant to narrative emphasis relates to how Tacitus organizes events to draw attention to particular associations between certain characters and their dramatic roles in the narrative.*

Keywords: *Tacitus; Annals; Narrative emphasis; Arrangement of historical events.*

τοιούτος οὖν μοι ὁ συγγραφεὺς ἔστω, ἄφοβος, ἀδέκαστος, ἐλεύθερος, παρησίας καὶ ἀληθείας φίλος, ὡς ὁ κωμικός φησι, τὰ σῦκα σῦκα, τὴν σκάφην δὲ σκάφην ὀνομάσων, οὐ μίσει οὐδὲ φιλία τι νέμων οὐδὲ φειδόμενος ἢ ἐλεῶν ἢ αἰσχυρόμενος ἢ δυσωπούμενος, ἴσος δικαστῆς, εὖνους ἅπασιν ἄχρι τοῦ μὴ θατέρω τι ἀπονείμμαι πλεῖον τοῦ δέοντος, ξένος ἐν τοῖς βιβλίοις καὶ ἄπολις, αὐτόνομος, ἀβασίλευτος, οὐ τί τῶδε ἢ τῶδε δόξει λογιζόμενος, ἀλλὰ τί πέπρακται λέγων.⁴

(Luciano de Samósata, Πῶς δεῖ Ἱστορίαν συγγράφειν⁵ 41)

Assim, portanto, deve ser para mim o historiador: sem medo, incorruptível, imparcial, amigo da franqueza e da verdade, e alguém que, como diz o poeta cômico, chame figos aos figos e gamela a uma gamela, que não admita nem omita nada por ódio ou por amizade; que não poupe ninguém por compaixão, respeito ou vergonha; nem mesmo por súplicas; por fim, que o historiador seja um juiz equânime, atento a todos até o ponto que não conceda a um mais do que o devido; que comporte-se como um estrangeiro nos seus livros, sem cidade, autônomo, sem rei; sem preocupação com o que esse ou aquele homem achará, mas dizendo o que aconteceu.⁶

1 INTRODUÇÃO

Não há data confirmada para os *Anais* de Tácito, mas foram escritos mais provavelmente sob o domínio de Trajano e em parte de Adriano.⁷ De fato, uma referência ao Mar Vermelho (ou Oceano Índico) em *Anais* II, 61 situa a obra depois de 106 d.C. e antes de 114 ou entre 115 e 117. O título *Anais* deriva da ideia

⁴ A edição de Luciano é obra de JACOBITZ, 1913.

⁵ *Quomodo historia conscribenda sit* (Como se deve escrever a história).

⁶ Todas as traduções de grego, latim e inglês nesse capítulo são minhas (mas veja abaixo, n. 7), exceto se houver indicações em contrário.

⁷ Eu gostaria de expressar a minha gratidão à CAPES pela outorga da bolsa que fez essa publicação possível. Eu também gostaria de agradecer ao Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho e ao Prof. Dr. Renato Ambrosio por me convidarem a contribuir para esse volume da revista e por lerem e aprimorarem o meu texto original em Português.

de registro de ano após ano, ou seja, da forma “analística”.⁸ Os *Anais* consistem em 16 livros (apesar de alguns estudiosos acreditarem que sejam 18) e cobrem a vida dos 4 imperadores depois de Augusto. As partes que sobreviveram da Antiguidade cobrem os reinados de Tibério e Nero. A carreira política de Tácito aconteceu mais no período de Domiciano, e é importante lembrar que ele mesmo foi cônsul em 97 d.C.

No início dos *Anais* Tácito escreve:

inde consilium mihi...tradere...sine ira et studio, quorum causas procul habeo.⁹
(*Anais* I,1)

Meu plano...é relatar...sem raiva e sem parcialidade, os motivos dos quais eu estou suficientemente distante.

Em outras palavras, Tácito declara que ele está suficientemente afastado dos eventos para ter qualquer motivo de *ira* (‘raiva’) ou *studium* (‘parcialidade’). No exórdio de suas *Histórias* ele declara, do mesmo modo que escreve *sine amore et sine odio* (“sem amor e sem ódio”), uma reivindicação programática da escrita histórica crível, que pertence a tradição historiográfica greco-romana. Luciano, relativamente contemporâneo de Tácito em termos históricos,¹⁰ exige equanimidade e imparcialidade na escrita da história política. Embora a declaração de Tácito seja o mais próximo que se pode chegar à objetiva, intenção neutra de Luciano, têm havido muitos estudos discutindo essa alegada neutralidade de Tácito. Por todos os seus escritos, Tácito aparece predominantemente preocupado com o equilíbrio do poder entre o senado romano e os imperadores romanos. Não se pode dizer, entretanto, que Tácito é um historiador no sentido que tem para nós, hoje, um historiador, não só porque ele recria os discursos dos seus personagens, discursos que vêm para servir como uma declaração implícita da perspectiva narrativa de Tácito. Benário (2012, p. 106) alega que a reivindicação de Tácito quanto a escrever *sine ira et studio* (“sem raiva e sem parcialidade”) é mais forte nos *Anais* do que nas *Histórias*, mas, embora Tácito abrace claramente as convenções da escrita analítica romana, nos *Anais* ele não parece ter-se preocupado em conferir os relatos dos historiadores com as *acta senatus*, os registros das discussões e decisões do senado. Tácito é um

⁸ Os manuscritos sobreviventes incluem os *Anais* e as *Histórias* sob o título *Ab Excessu divi Augusti* (“Seguindo a morte do divino Augusto”).

⁹ A edição de Tácito é obra de FISHER, 1976.

¹⁰ Luciano nasceu em c. 125, cerca de dez anos após os *Anais* terem sido escritos.

historiador em um outro sentido. Momigliano (1990, p. 116) expressa bem esse sentido:

When we read Tacitus, we immediately feel that he gives us something different from the other historians. His analysis of human behaviour is deeper, his attention to the social traditions, to the precise circumstances, is far more vigorous. He conveys his interpretation by a subtle and accurate choice of details which are expressed in an entirely personal language.¹¹

Tácito usa várias estratégias de retórica nos *Anais* que prejudicam a noção da suposta neutralidade de um historiador. Uma dessas estratégias envolve a ênfase de uma das suas explicações de um evento na narrativa entre as outras explicações propostas. Um aspecto dessa estratégia relevante para a ênfase narrativa diz respeito à forma como Tácito organiza eventos históricos nos seus *Anais* a fim de chamar a atenção para as associações particulares entre certos personagens e os seus papéis dramáticos na narrativa.

2 TÁCITO E OS ESTUDIOSOS MODERNOS

A experiência de Tácito sobre tirania, corrupção e decadência prevalente na era 81-96 d.C. pode explicar sua análise irônica e rancorosa. De fato, os *Anais* estão cheios de narrativas de corrupção e tirania na classe governante de Roma, mostrando como eles fracassaram em tentar ajustar-se ao novo regime imperial. Tácito descreve um ambiente de uma classe desperdiçando sua liberdade de expressão e o respeito por si mesma, enquanto se contradizem ao tentarem agradar um imperador raramente benigno. Tácito adverte contra a apatia popular e a corrupção, construídas a partir da riqueza do império, que permitia surgirem tais demônios. A experiência do reinado tirânico de Domiciano—como é retratado pelos historiógrafos e biógrafos—é também vista como a causa do, às vezes injusto, retratado elenco dos imperadores Júlio-claudianos.

Em termos gerais, Tácito não hesita em elogiar e censurar a mesma pessoa em uma só tacada, usualmente explicando abertamente o que ele acredita ser louvável e o que é desprezível. O historiador Syme (1970, p. 136) acredita que

¹¹ “Quando lemos Tácito, sentimos imediatamente que ele nos oferece algo a mais do que os demais historiadores. Sua análise do comportamento humano é mais profunda, sua atenção às tradições sociais, às circunstâncias precisas é muito mais vigorosa. Ele comunica a sua interpretação por uma escolha sutil e acurada de detalhes que se expressam por meio de uma linguagem totalmente pessoal.” (trad. FLORENZANO, 2004, p. 166)

Tácito é hostil à tirania, apesar de nem sempre ser um paladino dos inimigos ou das vítimas da tirania. Giuseppe Toffanin (1972) dividiu as lições políticas retiradas de seu trabalho, grosso modo, em dois grupos: o “tacitismo nero”¹² – aqueles que o leram como uma lição a respeito do maquiavélico *realpolitik* – e o “tacitismo rosso”,¹³ que apoia os ideais republicanos. Mas essa divisão é uma falsa dicotomia; na realidade, Tácito está dividido em ambos os campos nos diversos pontos das suas obras.

Tácito, nas leituras iniciais, parece ser explicitamente um dissidente ou, pelo menos, muito franco. O catálogo de violência apresentado por Tácito, corrupção, tirania e deboche relativo ao império, poderia potencialmente ofender qualquer imperador, inclusive os contemporâneos a ele, ou seja, Trajano ou Adriano. Tácito, entretanto, nunca acusou ninguém diretamente e, como Momigliano (1990, p. 119) aponta, o historiador nunca julga a partir da segurança de uma posição moralmente superior. Ao invés disso, ele oferece alternativas para os leitores escolherem e assim praticamente desloca a dissidência para o leitor.

Os *Anais* preocupam-se geralmente com os estratagemas retóricos. Tácito emprega contradição e dissimulação teatrais para criticar o uso desses estratagemas pelos imperadores. Os *Anais* parecem uma crítica dos autocratas tirânicos mas, crucialmente, de uma maneira que distancia o autor do texto. Tácito geralmente esconde-se atrás do pretexto histórico e da objetividade para comunicar seu desgosto pelos tiranos que precedem a dinastia flaviana, particularmente Tibério e Nero. Mas seus escritos são afetados por uma variedade de tensões referentes aos apelos de objetividade e pelo desejo de escrever vivida e forçadamente.

Nos *Anais* Tácito utiliza estratégias como a linguagem de duplo sentido, o distanciamento histórico e a recusa de dar as opiniões pessoais. É importante sempre ter em mente que Tácito originalmente era um orador e conhecia várias estratégias retóricas utilizadas numa variedade de contextos. Tácito sugere que a ordem moral e social de Roma desmorona-se simultaneamente; luxúria e riqueza solapam o império. Nesse contexto, de acordo com Boesche (1987, p. 204), Tácito refere-se ao desejo, especialmente pelo poder, como água represada esperando transbordar: retire uma mínima parte do muro que a contém e uma enchente acontece. Boesche (1987, p. 195) observa que Tácito desvia a censura do

¹² “tacitismo negro”.

¹³ “tacitismo vermelho”

imperador para os seus súditos, não apenas perguntando por que os déspotas querem tanto o poder, mas também, como sugere nos *Anais* III,65, por que os súditos querem tanto ser governados; de forma semelhante, ele não pergunta por que os imperadores acabaram com as assembleias populares ao ponto de os romanos perderem o interesse na participação política. Como Maternus observa no *Diálogo dos Oradores*, a linguagem política não é necessária quando todos estão *in obsequium regentis paratos* (“dispostos à obediência da autoridade”, 41). Além disso, segundo Boesche (1987, p. 195), Tácito pergunta por que o povo sente a necessidade de obedecer e facilmente se acostuma com a servidão. Como Momigliano (1990, p. 118) nos lembra, a tirania obriga um súdito a escolher entre a adulação e o protesto vazio, a dicotomia que Tácito descreve como *inter abruptam contumaciam et deforme obsequium* (“entre a obstinação temerária e obsequiosidade degradante,” *Anais* IV, 20). De acordo com Ranum (1980, p. 549), a mensagem de Tácito era clara: ao promover lisonja e servidão, o despotismo corrompeu a linguagem e trouxe desonestidade e hipocrisia às relações sociais. Geralmente, Tácito transmite a impressão de que as pessoas eram enganadas pelas palavras até não poderem mais detectar o contraste entre as palavras e as ações dos homens, distinguir a aparência (ou o pretexto) da realidade, e discernir a verdade da falsidade. O comandante romano Quinto Petílio Cerial disse com propriedade: “*sed quoniam apud vos verba plurimum valent bonaque ac mala non sua natura, sed vocibus seditiosorum aestimantur...*” (“Mas como entre vós as palavras têm muitíssimo poder, e as coisas boas e as coisas más são estimadas não pela sua natureza mas pelas vozes dos intrigantes...”, *Histórias* IV,73). De fato, as palavras distorcidas permeiam os discursos e a narrativa dos *Anais*, e Tácito afirma que uma das funções principais da escrita dos *Anais* é *ne virtutes sileantur utque prauis dictis factisque ex posteritate et infamia metus sit* (“para que os atos de coragem não sejam silenciados e o medo da infâmia com um geração posterior acompanhe as palavras e ações perversas,” *Anais* III, 65).

Tácito viveu sob o que os historiadores e os biógrafos descrevem como a tirania de Domiciano; e no ano do seu consulado (97 d.C.) ele testemunhou uma revolta contra o imperador. Embora Tácito fosse um *novus homo*, que devia sua ascensão aos imperadores, ele parece admirar as virtudes tradicionais e as qualidades morais testadas pela República. No início dos *Anais*, Tácito percebe que a antiga Roma e até a Roma de Augusto tiveram grandes escritores, mas a crescente onda de *adulatio* (“adulação”) destruiu o desenvolvimento de tais escritores (I, 1). Alguns estudiosos, como Syme (1970, p. 137), sustentam que, ao

passar do tempo, Tácito tornou-se não só um prisioneiro de uma atitude cada vez mais moralista, mas também menos um historiador e mais um orador.

3 ÊNFASE NARRATIVA

Apesar de os estudiosos terem por muito tempo reconhecido as ideias de Tácito como objetivas, Tácito nem sempre agiu de acordo com essa prática. Reconhecidamente Tácito dá a impressão, na superfície, de que ele está tentando manter a verossimilhança com a verdade ou pelo menos a aparência de imparcialidade. Enquanto o seu treinamento retórico e a tradição histórica o encorajaram a escrever como um retor e uma moralista, a tradição histórica também exigia que ele escrevesse com um grau de veracidade histórica. O gerenciamento dessas demandas competitivas produz uma ambivalência narrativa nos *Anais*. Um exemplo dessa ambivalência são as explicações múltiplas ou alternativas de um evento ou ação descrito. A narrativa de Tácito funciona como um todo em seis grandes domínios: historiográfico, político, retórico, moralista, psicológico e o literário, com o último sendo o mais importante de todos os seis porque abrange os outros domínios. Afirmar que Tácito funciona no campo literário talvez seja semelhante à observação de Momigliano (1990, p. 131) que “the definition of Tacitus as an artist could easily turn into an admission that he was not a historian”.¹⁴ Sua tendência em apresentar razões e motivos das ações e dos feitos dos personagens em uma forma dualista ou múltipla provavelmente é derivada da sua educação retórica. Há também a tendência de Tácito em expressar esses motivos e razões de uma maneira implícita e explícita que cria contraste, variação e, no final, ambivalência.

Há quase um século Reid (1921, p. 194) observou: “An irritating trick of Tacitus is to fling down alternatives before his reader and leave him to take his choice between them, with no estimate of evidence to guide him”.¹⁵ Sullivan (1976, p. 314) observa que Tácito usa “interrogative and disjunctive constructions to signify genuine doubt”.¹⁶ Mais recentemente ainda, O’Gorman (2000, p. 3) interpreta essas alternativas como “false appearance and hidden truth”.¹⁷ É a

¹⁴ “[A] definição de Tácito como um artista podia logo se transformar na admissão de que ele não era um historiador.” (trad. FLORENZANO 2004, p. 184-185)

¹⁵ “Um truque irritante de Tácito é lançar alternativas diante de seu leitor e deixá-lo escolher entre elas, sem nenhuma estimativa de evidência para guiá-lo.”

¹⁶ “as construções interrogativas e disjuntivas para significar dúvida genuína”.

¹⁷ “falsa aparência e verdade escondida”.

contínua interação entre as várias alternativas que gera o sentido de dissidência. Apesar de impressão de incerteza histórica, Tácito guia o leitor para um ponto de vista específico, organizando as provas e enfatizando uma das alternativas apresentadas.

Tácito situa-se em uma tradição de historiografia cética, retratando Roma como um império onde a comunicação verbal e escrita é falha e imersa em pretensão, dúvida e, conseqüentemente, desentendimento. Esse desentendimento é indicativo de uma sociedade e de um sistema político em um estado de instabilidade social e convulsão política. A leitura da narrativa de Tácito envolve uma leitura do texto que chama a atenção para si na superfície e dessa forma determina profundezas escondidas pela sua própria natureza meta-narrativa; em outras palavras, o texto sob a superfície acaba servindo como um comentário sobre os detalhes apresentados na superfície. Tácito, como um historiador cético, combina explicações possivelmente inverídicas com as explicações potencialmente verdadeiras dos eventos e deixa que o leitor faça a interpretação que considere correta. A respeito de seus personagens nos *Anais*, Tácito mostra-os como frequentemente envolvidos em atos da má-leitura e má-interpretção. De fato, o fracasso de habilidades interpretativas entre os personagens é um tema dominante dessa obra de Tácito. Numa sociedade que depende de uma quantidade compartilhada de significados, a falta de comunicação eficaz desempenha um papel político importante. Uma falta semelhante de habilidade interpretativa se pode atribuir aos seus leitores, que têm dúvidas acerca da leitura e da interpretação da narrativa dos *Anais*.

Os *Anais*, o trabalho final de Tácito, contém de longe o maior número de artifícios que influenciam todos os tipos de explicações múltiplas ou alternativas de um evento ou ação descrito. Um exemplo simples das duas explicações alternativas ocorre nos *Anais* 2, em que Tácito observa que o senador Marco Hortálo não proferiu uma palavra para Tibério *pavore an avitae nobilitatis etiam inter angustias fortunae retinens* (“por causa do pavor ou porque ainda retinha, na sua escassa sorte, a sua nobreza hereditária”, II, 38). A segunda alternativa é um pouco mais extensiva do que a primeira e por isso conduz o leitor a favorecê-la sem qualquer confirmação clara de qual é a alternativa correta. Ainda o ato de manter a nobreza hereditária—através de uma alusão ao passado remoto—implica uma passagem de tempo maior do que um simples pavor momentâneo.

Segue um exemplo um pouco mais complexo. Um pouco antes do assassinato de Agripina em *Anais* XIV, Tácito especula sobre as ações de Nero:

Nero...tracto in longum convictu, prosequitur abeuntem, artius oculis et pectori haerens, sive explenda simulatione, seu periturae matris supremus aspectus quamvis ferum animum retinebat.

(*Anais XIV, 4*)

Nero...após o banquete muito longo, acompanhou a sua mãe no caminho dela, agarrando-se mais do que o normal aos seus seios e beijando seus olhos, possivelmente como um toque final de hipocrisia, ou possivelmente a última visão da sua mãe condenada prendia seu espírito brutal.

Essa passagem exemplifica perfeitamente a negação de Tácito pelas alternativas sugeridas, ao mesmo tempo que atesta, segundo a narrativa, o *ferum animum* (“o espírito brutal”) de Nero. Tácito nunca permite que o caráter e as possíveis ações de Nero fiquem escondidas. De fato, ele cria um sentimento forte e constrói uma apresentação assertiva contra as ações de Nero através das dicas sobre circunstâncias suspeitas. Se o mérito de uma ação não é descreditado por se relacionar ao aparecimento da dissimulação, uma forma de engano em que se reprime a verdade, a beleza pode sumir do ato pela justaposição de algum outro ato menos crível do imperador.

Os exemplos mais desenvolvidos também ocorrem nos *Anais*. As fontes de Tácito entram em conflito, sobre se é Nero, em certo ponto, que tenta sua mãe Agripina ao incesto ou se é ela quem o tenta. Tácito atribui ao historiador Clúvio Rufo a opinião segundo a qual Agripina procurou desse modo restaurar sua influência na corte, enquanto ele menciona que o historiado Fábio Rústico acreditou que Nero foi culpado:

Tradit Cluvius ardore retinendae Agrippinam potentiae eo usque provectam ut medio diei, cum id temporis Nero per vinum et epulas incalesceret, offerret se saepius temulento comptam et incesto paratam; iamque lasciva oscula et praenuntias flagitii blanditias adnotantibus proximis, Senecam contra muliebris inlecebras subsidium a femina petivisse, immissamque Acten libertam quae simul suo periculo et infamia Neronis anxia deferret pervulgatum esse incestum gloriante matre, nec toleraturos milites profani principis imperium. Fabius Rusticus non Agrippinae sed Neroni cupitum id memorat eiusdemque libertae astu disiectum.

(*Anais XIV, 2*)

Conta Clúvio que Agripina, pelo ardor de conservar a sua influência, foi levada ao ponto de ao meio-dia, quando Nero começava a se deixar levar pelo vinho e pelas festas, oferecer-se muitas vezes a ele, meio bêbado, enfeitada e preparada para o incesto. Quando os parentes observaram os beijos devassos e as carícias, pressagiando infâmia, foi Sêneca quem pediu a ajuda de uma mulher para lutar contra a fascinação feminina. Ele enviou Acte, uma mulher liberta, ansiosa pelo seu

próprio perigo e pela infâmia de Nero. Ela disse a ele que o incesto foi notório, como a mãe dele se vangloriou disto, e que os soldados nunca iriam suportar o comando de um soberano ímpio. Fábio Rústico diz-nos que não foi Agripina, mas Nero, que cobiçou o crime, e que ficou frustrado pela habilidade dessa mesma garota liberta.

Estando diante de um impasse entre esses historiadores principais, Tácito volta-se para os escritores menos significantes e encontra-os apoiando a visão de Clúvio sobre a culpa de Agripina:

sed quae Cluvius eadem ceteri quoque auctores prodidere, et fama huc inclinat, seu concepit animo tantum immanitatis Agrippina, seu credibilior novae libidinis meditatio in ea visa est quae puellaribus annis stuprum cum Lepido spe dominationis admiserat, pari cupidine usque ad libita Pallantis provoluta et exercita ad omne flagitium patruis nuptiis.

(*Anais XIV, 2*)

Todavia as outras autoridades, dão a mesma versão de Clúvio, e para lado deste a tradição inclina-se; se a monstruosidade foi concebida no cérebro da Agripina, ou se o plano da inaudita obscenidade meramente foi tomado como mais crível em uma mulher que, para efeitos de ganhar poder, nos anos de menina foi seduzida pelos abraços de Marco Lépido; que, por uma ambição parecida, tinha se prostituído aos desejos de Palas; e que se tinha habituada a toda torpeza através do seu casamento com seu tio.

A explicação de Fabio Rustico (13 palavras) sobre a culpa de Nero fica entre as duas discussões de Clúvio (69 e 50 palavras) sobre a culpa de Agripina alegada por Clúvio, pelas outras autoridades e pela opinião popular. Tácito pesa as fontes, de certa forma, ao estabelecer a provável culpa de Agripina, como sugerido pela esmagadora ênfase sobre esse lado da história.

Mesmo que a explicação de Clúvio sobre a culpa de Agripina contenha nove vezes mais palavras e tenha por conseguinte um peso muito mais importante na narrativa, Tácito parece desejar sugerir que a reputação de depravação de Agripina pode muito bem ter induzido as fontes a interpretar a aparência pela verdade. A explicação sobre se a monstruosidade na verdade foi concebida no cérebro da Agripina (6 palavras) contém cinco vezes menos palavras que a explicação sobre a credibilidade do plano da inaudita obscenidade (32 palavras); assim a sugestão de que a reputação de depravação de Agripina pode ter induzido as fontes a aceitar essa versão recebe muito mais ênfase. Contudo, há mais aqui a considerar do que simplesmente o número das palavras no trecho. Tácito enfatiza essa sugestão através da descrição dos três eventos representados como uma alternativa que leva uma grande quantidade de tempo

em termos narrativos em comparação com a alternativa sobre se a obscenidade foi meramente concebida no cérebro da Agripina. Tácito utiliza também o instrumento de duração no tempo, não simplesmente o mínimo de palavras, para enfatizar uma alternativa específica e presumivelmente mais favorecida. No final de contas, no entanto, o leitor deve decidir qual posição a tomar sobre a culpa de Agripina ou Nero. De um modo mais geral, assumindo sua própria posição como parte do ato de ler uma obra histórica.

Em resumo, são três os aspectos principais das explicações múltiplas e alternativas. Tácito sugere que uma explicação tem mais significado colocando-a como segunda ou última em uma lista das explicações ou dos motivos possíveis. Adicionalmente, se a segunda opção ou a final é relacionada a uma figura histórica insensível, normalmente é menos lisonjeira que a primeira, enquanto a segunda ou última opção traz o motivo mais favorável se Tácito parece ver o caráter histórico solidariamente. Finalmente, essa segunda alternativa que descreve os eventos toma muito mais tempo na narrativa histórica do que a primeira alternativa. Tácito utiliza essas três estratégias narrativas como uma forma de enfatizar um motivo particular de um evento ou os motivos dos atos de uma personagem.

Os trechos ou frases sendo comparados nem sempre aparecem imediatamente um após outro. Um exemplo é a descrição de Tácito do grande incêndio no monte Célio em 27 d.C. Quando esse incêndio desastroso varreu o monte Célio, a generosidade financeira do imperador Tibério para aqueles que sofreram perdas recebeu louvores do senado e do povo:

actaeque ei grates apud senatum ab inlustribus famaue apud populum, quia sine ambitione aut proximorum precibus ignotos etiam et ultro accitos munificentia iuverat.

(*Anais IV, 64*)

Ele recebeu uma dívida de gratidão no senado dos membros distintos, e foi aplaudido pela população como tendo ajudado com sua generosidade, sem parcialidade ou as solicitações dos amigos, estrangeiros quem ele mesmo procurou.

Mas, Tácito continua em um ponto posterior do texto:

sed ut studia procerum et largitio principis adversum casus solacium tulerant, ita accusatorum maior in dies et infestior vis sine levamento grassabatur...

(*Anais IV, 66*)

Apesar dos presentes do imperador terem trazido alívio para aqueles que sofreram perdas, não há alívio nas ações dos promotores [ou seja, delatores] que cuidam de seus negócios com força e virulência crescentes...

A afirmação irônica, portanto—expressa na declaração de Tácito, enquanto os presentes de Tibério trouxeram o alívio para aqueles que sofreram perdas no incêndio no Monte Célio, não houve nenhuma condescendência das atividades dos *delatores*—reflete a atitude cética de Tácito e incentiva o leitor a escolher sua própria leitura em relação a esse evento histórico. Mais do que qualquer outro fim, Tácito utiliza ironia, tão amada pelos historiadores retóricos, para comentar sobre a natureza do principado.

Algumas outras características do estilo de Tácito incluem frases compactas e uma estrutura sentencial bem adaptada para expressar a disjunção, a antítese, e a interação de opostos. A estrutura geral dos *Anais*, a ênfase interna, e a estrutura da frase resultam na impressão de acusação contra os déspotas de Roma, mesmo enquanto Tácito empenha-se para dar, como autor, a impressão de desapego. Tácito propõe, por meio de disjunção, rumores e construções sintáticas, uma variedade das interpretações possíveis dos eventos históricos, mesmo que ele às vezes maquine antecipadamente seu próprio julgamento através da ênfase em uma das explicações possíveis apresentadas. Esse julgamento—se pertence a Tácito—é enfatizado através da sua colocação secundária; pela sua maior verbosidade em termos de narrativas; e, em muitos lugares, por um período mais longo, assim implicando uma duração maior em termos históricos. Como a escolha final do significado é deixada para o leitor, este torna-se responsável por fazer a sua própria escolha entre as várias fornecidas na narrativa. Fazer essa escolha implica em fazer um julgamento político e assumir uma posição política.

4 OS PERSONAGENS E SEUS PAPÉIS DRAMÁTICOS

Um aspecto dessa estratégia relevante para a ênfase narrativa diz respeito à forma como Tácito organiza eventos históricos nos *Anais* a fim de chamar a atenção para as associações particulares entre certos personagens e os seus papéis dramáticos na narrativa. Uma cena que ilustra bem esse tipo de associação é a confrontação retórica entre Sêneca e Nero já no fim do livro XIV (53-56). A cena é uma das cenas mais significativas dos *Anais*, pelo fato de ser o único exemplo de diálogo emparelhado na obra.

No primeiro discurso, Sêneca pede permissão para retirar-se da vida pública e pede que a riqueza e os bens dados a ele por Nero sejam incluídos no patrimônio do imperador:

“...mihi subveniendum est. quo modo in militia aut via fessus adminiculum orarem, ita in hoc itinere vitae senex et levissimis quoque curis impar, cum opes meas ultra sustinere non possim, praesidium peto. iube rem per procuratores tuos administrari, in tuam fortunam recipi. ...quod temporis hortorum aut villarum curae seponitur in animum revocabo. ...possumus seniores amici quietem reposcere. hoc quoque in tuam gloriam cedit, eos ad summa vexisse qui et modica tolerarent.”

(*Anais XIV, 54*)

“...é necessário que eu cuide de mim mesmo. Assim como se, cansado, na vida militar ou na viagem, te pedisse assistência, agora, nesse jornada da vida, velho e incapaz mesmo para os encargos mais leves, como não posso mais manter os meus bens, peço assistência. Ordena que esses sejam administrados por teus procuradores e sejam revertidos para o teu patrimônio Trarei de volta ao meu espírito as coisas das quais me separaram os cuidados dos jardins e das vilas Nós, seus amigos mais velhos, podemos exigir o repouso. Isto também redundará em tua glória: ter alçado ao ápice aqueles que tolerariam as circunstâncias modestas.”

Em resposta Nero afirma que Sêneca ainda tem energia para cumprir as suas tarefas e que, se ele devolvesse a sua riqueza para o imperador, seria interpretado como um ato de ingratidão imperial:

“verum et tibi valida aetas rebusque et fructui rerum sufficiens, et nos prima imperii spatia ingredimur, nisi forte aut te Vitellio ter consuli aut me Claudio postponis.... non tua moderatio, si reddideris pecuniam, nec quies, si reliqueris principem, sed mea avaritia, meae crudelitatis metus in ore omnium versabitur. quod si maxime continentia tua laudetur, non tamen sapienti viro decorum fuerit unde amico infamiam paret inde gloriam sibi recipere.”

(*Anais XIV, 56*)

“Mas sua idade é ainda vigorosa, capaz de gerir negócios e de gozar de seus frutos, e eu começo os primeiros passos do império; a não ser que, por acaso, você se julgue menor do que Vitélio, três vezes cônsul, ou me julgue menor do que Cláudio. ... Não é a sua modéstia, se você me devolver seu dinheiro, nem a tranquilidade, se você abandonar o príncipe, mas a minha avareza e o medo da minha crueldade que correrão na boca de todos. Isso porque se sobretudo a sua continência devesse ser elogiada, não conviria a um homem sábio receber a glória do mesmo fato que causa desgraça ao seu amigo.”

Esse conjunto dos diálogos emparelhados é significativo nos termos das duas perspectivas diferentes da confrontação retórica. É possível ver os diálogos emparelhados como um conjunto das perspectivas, alternativas ou exemplos da

alteração do equilíbrio de poder entre Sêneca e Nero, com o imperador obtendo a vantagem. Momigliano (1990, p. 119) levanta a questão sobre se Tácito gostou de Sêneca. A resposta parcial talvez apareça no resultado do debate entre Sêneca e Nero. Sêneca fala primeiro, e o seu argumento então é contrariado efetivamente por Nero, que refuta o raciocínio de Sêneca e parece ganhar o debate — ou pelo menos consegue o que pretende com facilidade de Sêneca.

O discurso de Nero vem em segundo lugar e, por conseguinte, torna-se predominante na mente do leitor; embora o discurso seja mais curto (tem 235 palavras) do que o discurso de Sêneca (com 290 palavras), cobre um período de tempo mais longo do que Nero faz, que enfatiza o discurso um pouco mais. Mesmo que o discurso de Nero tenha menos palavras, é ainda um bom exemplo da alternativa secundária enfatizada. De fato, nessa ocasião o discurso de Nero é mais eficaz devido a sua duração mais curta.

Esse diálogos emparelhados são notáveis também em razão da utilização generalizada de ironia. Essa confrontação entre o imperador Nero e seu conselheiro imperial Sêneca faz lembrar a situação que Goffman (1969, p. 55-56) descreve entre um interrogador e um súdito:

[W]hen a subject learns that he is being secretly observed, it will usually be in his interest to conceal from his erstwhile monitor that the monitoring has been discovered. An agent who is likely to be watched is advised to learn the methods which the opponent uses in keeping him under surveillance. But he should not show on any occasion that he has detected that he is being watched. For presumably this can only tend to confirm for the opponent that indeed their subject has something to be wary about, that, moreover, new methods of surveillance had better be used. And the subject, of course, is likely to prefer techniques he knows about to ones that might escape him. The interrogator can take the line that he, the interrogator, already knows the facts and knows that the subject knows them, and now only waits for the subject to confirm what they both know.¹⁸

Essa cena entre Nero e Sêneca é particularmente marcante por causa da ideia de que a segunda personagem (Sêneca) sabe que a primeira personagem (Nero) sabe

¹⁸ “Quando um sujeito sabe que está sendo observado secretamente, é geralmente de seu interesse esconder de quem o observa que a monitoração foi descoberta. Um agente que provavelmente será observado é aconselhado a aprender os métodos que seu oponente usa ao observá-lo. Mas ele não deve mostrar em ocasião alguma que percebeu que está sendo observado. Pois isto possivelmente pode tentar confirmar ao oponente que seu sujeito tem realmente algo a esconder, que, ademais, novos métodos de observação devem ser usados. E o sujeito, obviamente, tende a preferir técnicas que ele acredita que os outros não saibam. O interrogador pode seguir a linha de que ele, o interrogador, já conhece os fatos e sabe que o sujeito já os conhece também, e agora espera que o sujeito confirme o que ambos sabem.”

o que ele, a segunda personagem (Sêneca), está tentando alcançar. Nesse conjunto dos diálogos emparelhados, Sêneca, que trabalhou como o conselheiro de Nero, pede para retirar-se da vida pública, mas ele, ou seja, Sêneca, não dá seu motivo verdadeiro—para salvar o seu próprio pescoço.

O estilo desse debate entre Nero e Sêneca é ironicamente senequiano (cf. GRIFFIN 1976, p. 442-443). Isto é irônico porque o discurso de Nero (XIV, 55-56) é mais adequado retoricamente do que o de Sêneca (XIV, 53-54) pois o imperador eficaz e suavemente nega o pedido de Sêneca, mesmo enquanto ele apresenta a negação como um favor. Conseqüentemente, Nero parece vencer o debate tanto em nível político como retórico. Essa demonstração de Nero vencendo Sêneca, escrita em uma linguagem propositalmente senequiana, é irônico porque essa conquista de Nero é estabelecida no treinamento retórico fornecido por seu agora ex-conselheiro, como o imperador salienta (cf. *Anais* XIV, 55).

5 ESTILO E CRÍTICA POLÍTICA

De um modo geral, a construção e a arquitetura do texto de Tácito sugerem crítica. É difícil encontrar outras afirmações pessoais da boca de Tácito; ao contrário, ele considera alguns argumentos em detrimento de outros. O fato de Tácito expor todos os diversos argumentos é crucial. A tensão criada entre os diferentes argumentos e o sutil deslocamento de opinião faz de Tácito um historiador bem-sucedido. Esse fato é ainda mais notável quando se lembra que ele escreveu sobre uma sociedade política na qual ele mesmo desempenhava um papel significativo, e não precisava ser lembrado dos perigos que ameaçavam qualquer um que ofendesse aqueles em posição de poder, especialmente o imperador. Enquanto a tradição romana parece permitir que um satirista em verso adote uma persona para expressar as opiniões políticas um pouco perigosas ou difamatórias sem grandes medos de processo ou retaliação, a posição de Tácito como um historiador era potencialmente menos segura. De fato, Martin (1981, 38) argumenta que o fato de que Tácito, como historiador, lidou com um período anterior do principado não lhe deixava defesa, uma vez que ele sabia que entre seus leitores, que incluíram o próprio imperador e os seus colegas senadores, estavam aqueles que, nas palavras de Tácito em *Anais* IV, 33, *ob similitudinem morum aliena malefacta sibi obiectari putent. etiam gloria ac virtus infensos habet, ut nimis ex propinquo diversa arguens* (“tendo caráter similar, pensavam que os crimes atribuídos a outros eram direcionados a eles; enquanto

até a fama e a integridade têm seus inimigos, uma vez que eles parecem chegar perto demais de criticar seus opositores”).

Apesar desse ponto de vista, dos perigos de escrever sobre a história recente, ainda existia algum grau de segurança que chamo de distanciamento histórico, ou seja, a distância do tempo entre o próprio tempo de Tácito e os períodos anteriores sobre os quais ele escrevia, contanto que Tácito tivesse o cuidado de não fazer comparações entre os personagens e as circunstâncias demasiadas óbvias. Não temos testemunho direto para mostrar como os contemporâneos de Tácito receberam seus trabalhos históricos, mas sua nomeação para o prestigioso governo asiático em 112 ou 113 d.C. sugere que, naquela época, sua carreira política ainda prosperava. Além disso, os *Anais* provavelmente não foram publicados até depois de 116 d.C. A carreira e a obra de Tácito apresentam, assim, um paradoxo, único em seu tempo, pois é a carreira de um homem que havia prosperado de uma maneira que destacava claramente como aquele sistema pretendia trazer à tona o pior do *princeps* e do senado. Uma das suas estratégias retóricas para expressar seus pontos de vista sem se comprometer com qualquer perspectiva é o uso da ênfase narrativa, o arranjo das causas dos eventos históricos e da motivação possível por trás das ações dos vários personagens.

6 CONCLUSÃO

Embora no início dos *Anais* Tácito reivindique para si, como um programa, o princípio de objetividade e neutralidade, tal como recomendado por Luciano, quase seu contemporâneo, ele usa em toda sua obra várias estratégias de retórica que prejudicam essa noção de suposta neutralidade. Uma dessas estratégias para expressar suas opiniões sem parecer se comprometer com qualquer ponto de vista particular pode ser descrita como a ênfase narrativa. Em geral, Tácito passa mais tempo na narrativa dos *Anais* enfatizando uma das suas explicações de um evento; ademais, quando ele organiza as possíveis causas de eventos históricos e a possível motivação por trás das ações dos vários personagens, ele faz isso colocando a segunda explicação como a mais enfática; por vezes essa explicação secundária é enfatizada em termos narrativos por causa da quantidade das palavras de cada explicação; e as vezes também essa explicação é enfatizada ainda mais por durar mais tempo em termos históricos. Essa estratégia dá ênfase

à narrativa e ajuda a chamar atenção para as associações particulares entre certos personagens e os seus papéis dramáticos na narrativa.

REFERÊNCIAS:

BENARIO, Herbert W. *The Annals*. In: PAGÁN, Victoria Emma (Org.). *A Companion to Tacitus*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012. p. 101-122.

BOESCHE, Roger. The Politics of Pretence: Tacitus and the Political Theory of Despotism. *History of Political Thought*, v. 8, nº. 2, p. 189-210, verão de 1987.

FISHER, C. D. (Org.). *Corneli Taciti Annalium ab excessu divi Augusti Libri*. Oxford: Clarendon Press, 1976.

GOFFMAN, Erving. *Strategic Interaction*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1969.

GRIFFIN, Miriam. *Seneca: A Philosopher in Politics*. Oxford: Clarendon Press, 1976.

JACOBITZ, Karl (Org.). *Luciani Samosatensis Opera*, vol. II. Leipzig: B. G. Teubner, 1913.

MARTIN, R. H. *Tacitus*. Berkeley: University of California Press, 1981.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *The Classical Foundations of Modern Historiography*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1990. = MOMIGLIANO, Arnaldo, *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2004.

O'GORMAN, Ellen. *Irony and Misreading in the Annals of Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

RANUM, Orest. D'Alembert, Tacitus and the Political Sociology of Despotism. In: *Transactions of the Fifth International Congress of the Enlightenment*, V. II: *Studies on Voltaire and the Eighteenth Century* 191. Oxford: Voltaire Foundation, 1980. p. 547-558.

REID, J. S. Tacitus as a Historian. *Journal of Roman Studies*, v. 11, p. 191-199, 1921.

SULLIVAN, Donald. Innuendo and the "Weighted Alternative" in Tacitus. *The Classical Journal*, v. 71, n. 2, p. 312-326, abr.-maio de 1976.

SYME, Ronald. *Ten Studies on Tacitus*. Oxford: Clarendon Press, 1970. p. 119-140.

TOFFANIN, Giuseppe. *Machiavelli e il "Tacitismo" (la politica storica al tempo della controriforma)*. Naples: Guida, 1972 (reimpr. corr.).